Edição #35 | Outubro 2026

nutricorp

REVISTA

INFORMANUTRI

Energia, clima e pecuária:

os três fatores que devem influenciar a nutrição animal nos próximos meses.

El Niño, mercado de energia, mercado das matérias-primas e estratégias nutricionais para a pecuária.

Edição #35 | Outubro 2026



INFORMANUTRI

Olá, pessoal, tudo bem?

É com grande satisfação que compartilhamos mais uma edição do InformaNutri, espaço criado para apresentar tendências, análises e movimentos que impactam diretamente a cadeia de produção animal.

O segundo semestre de 2026 vem sendo marcado pela combinação de três fatores que estão cada vez mais conectados: a valorização da energia, os riscos climáticos associados ao El Niño e a melhora dos fundamentos da pecuária brasileira.

À primeira vista, esses temas podem parecer independentes. Porém, quando observamos a cadeia de forma integrada, percebemos que decisões tomadas no mercado de petróleo podem influenciar custos agrícolas, alterar o comportamento dos óleos vegetais, impactar o preço das matérias-primas utilizadas na nutrição animal e, consequentemente, afetar a rentabilidade do produtor.

Nesta edição, vamos explorar essas conexões e entender como elas podem influenciar o mercado de leite, corte e nutrição animal nos próximos meses.

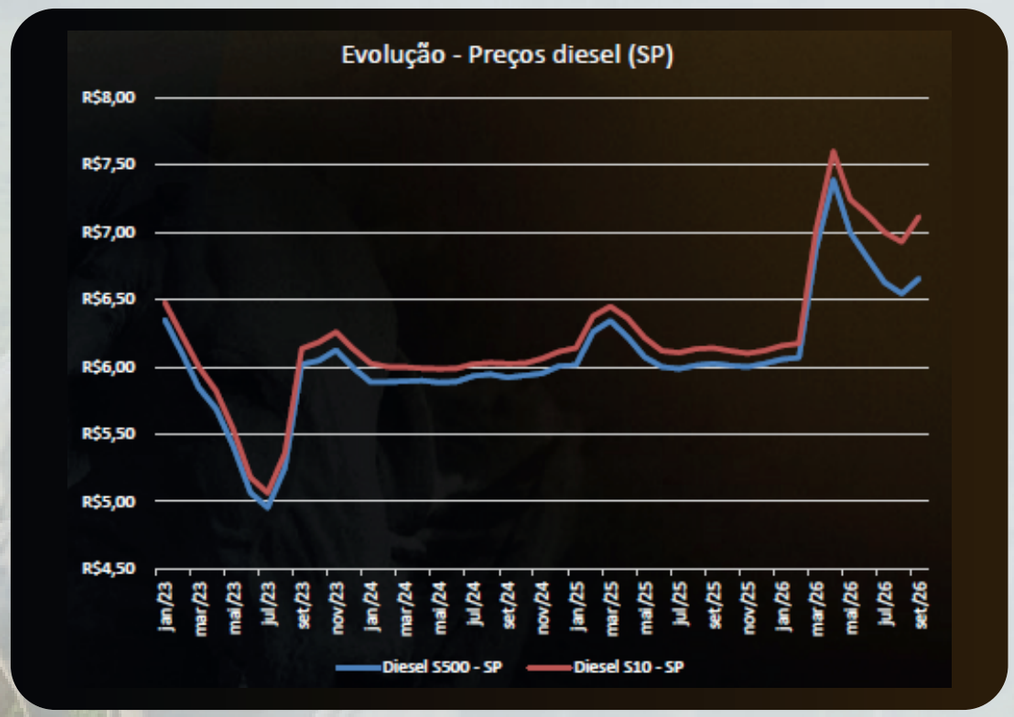


Por: **Gabriel Lima**
Analista de Suprimentos Nutricorp

O efeito dominó da energia sobre o agronegócio

O petróleo voltou ao centro das atenções dos mercados globais. As tensões geopolíticas envolvendo Oriente Médio, Rússia e Ucrânia continuam mantendo os agentes atentos ao comportamento da oferta mundial de energia, sustentando um ambiente de maior volatilidade para combustíveis e logística.

Esse tema ganha ainda mais relevância para o Brasil quando observamos que cerca de 25% do diesel consumido no país ainda depende de importações, tornando o mercado doméstico sensível às oscilações internacionais.



Fonte: Agrifatto

Mas os efeitos da energia vão muito além dos postos de combustíveis.

O diesel está presente em praticamente toda a cadeia agropecuária: no transporte de fertilizantes, na movimentação de grãos, na colheita, no escoamento da produção e na distribuição de insumos. Quando os custos energéticos aumentam, parte desse impacto acaba sendo absorvida por toda a cadeia de suprimentos.

Um exemplo recente está no frete. A **Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT)** reajustou a tabela do frete mínimo com base no novo preço médio nacional do diesel S10, que passou de R$ 6,97 para R$ 7,33 por litro, conforme a alta apurada pela ANP entre 20 e 26 de setembro.

A energia passou a influenciar diretamente mercados agrícolas estratégicos.

Os novos valores, definidos pela Portaria SUROC nº 22, entraram em vigor em 30 de setembro e chegaram justamente ao período de maior demanda por transporte, com o plantio da safra de verão e a intensificação da logística de fim de ano, mostrando como o movimento do petróleo se converte rapidamente em custo para grãos, fertilizantes e demais insumos.

Nos últimos anos, a expansão dos programas de **combustíveis renováveis transformou os óleos vegetais em importantes matérias-primas para produção de energia**, criando uma conexão cada vez mais forte entre petróleo, agricultura e nutrição animal.

E é justamente nesse ponto que começam os movimentos observados nos mercados de **soja e palma**.



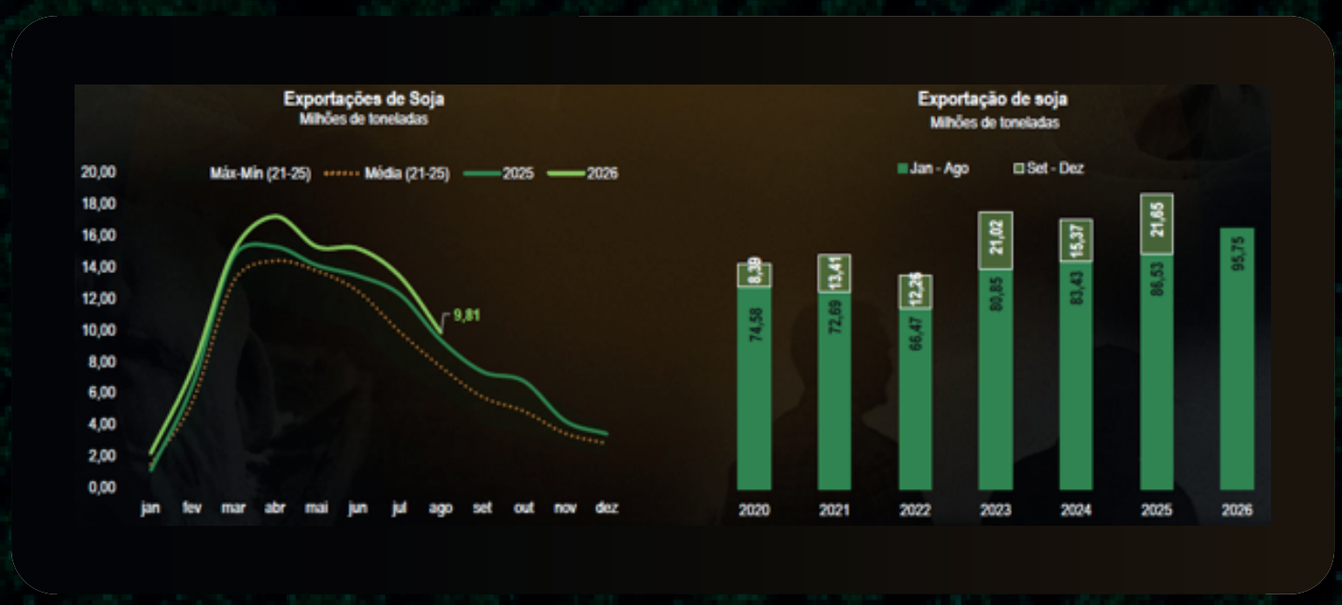
Soja, palma e gorduras:
um mercado cada vez mais energético

Durante muitos anos, o óleo de soja teve sua formação de preços fortemente ligada ao consumo humano e animal. Hoje, entretanto, uma parcela crescente da demanda está relacionada ao setor energético. Os programas de biocombustíveis dos Estados Unidos continuam absorvendo volumes relevantes de óleo vegetal enquanto os créditos ambientais e os investimentos em energia renovável ajudam a sustentar a demanda global. Ao mesmo tempo, o Brasil segue desempenhando papel fundamental no abastecimento mundial de soja. As exportações continuam em ritmo elevado e permanecem sendo um dos principais fatores de sustentação do mercado. Esse movimento reduz a disponibilidade interna de matéria-prima e mantém a disputa entre exportadores e esmagadoras, elevando os custos de originação da indústria. Em outras palavras, a soja passou a responder simultaneamente à alimentação, à exportação e à energia.



Fonte: Agrifatto

O resultado é um custo de originação mais alto para a indústria, que acaba sendo repassado aos preços do óleo, do farelo e das gorduras derivadas, como o AGS (ácido graxo de soja). Vale lembrar, porém, que esse comportamento é normal para o período: no último trimestre do ano, com a oferta interna de soja mais restrita, os preços costumam encontrar sustentação e voltam a perder força quando a nova safra amplia a disponibilidade de produto. Com os ácidos graxos, o movimento tende a ser mais tardio, já que a soja recém-colhida tem baixa acidez e, no início da safra, gera pouco ácido graxo no processo de refino, o que faz a oferta desse coproduto demorar um pouco mais a se normalizar.



Fonte: Agrifatto

Palma: o mercado enxerga risco antes da escassez

Se o óleo de soja está conectado à energia, o óleo de palma está cada vez mais conectado ao clima.

Apesar dos elevados estoques observados em algumas regiões consumidoras da Ásia, o mercado continua atribuindo um prêmio de risco à palma devido às preocupações climáticas para os próximos ciclos produtivos.

O foco está principalmente em Indonésia e Malásia, responsáveis por mais de 80% da produção mundial de óleo de palma. A principal preocupação não é necessariamente a oferta atual, mas os possíveis impactos do El Niño sobre a produtividade de 2027. Historicamente, períodos prolongados de temperaturas elevadas e redução das chuvas podem comprometer a produção de palma meses após a ocorrência do evento climático.

Os preços continuam reagindo não apenas ao cenário presente, mas também às expectativas futuras de produção.



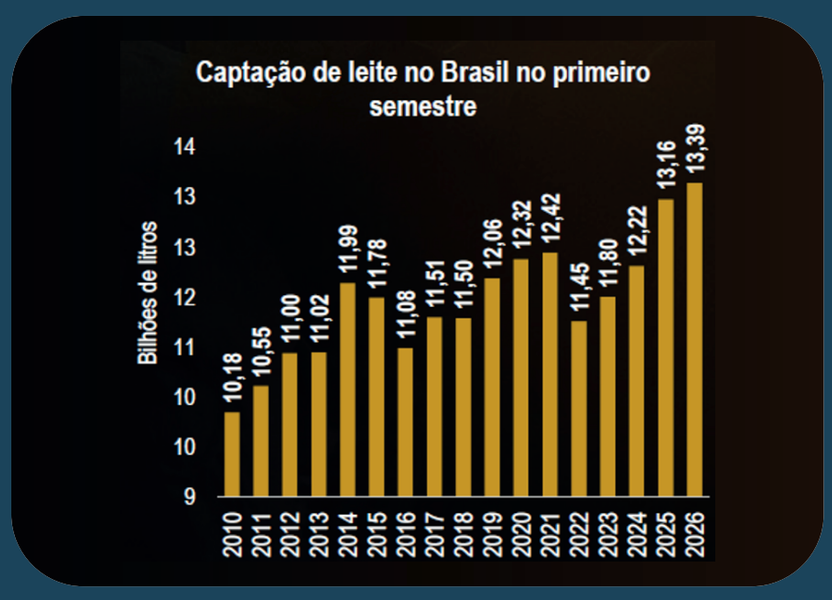
No Brasil, o Pará, principal região produtora de palma do país, também merece atenção. Em conversas no estado, ouvimos relatos de uma safra mais atrasada neste ciclo devido à falta de chuva em algumas regiões, como Igarapé-Açu e Tomé-Açu, com colheita prevista para ganhar ritmo apenas a partir da segunda quinzena de outubro de 2026. A chegada do El Niño, já confirmada e com projeção de alta intensidade, torna-se um momento ainda mais importante, pois se não houver chuvas em dezembro e janeiro, o risco de aborto dos frutos e de perda de produtividade é elevado. Sse as chuvas ocorrerem nesse período, o risco diminui. Internamente, esse movimento reflete diretamente sobre mercados ligados às gorduras utilizadas na indústria de nutrição animal.

O produtor volta a respirar

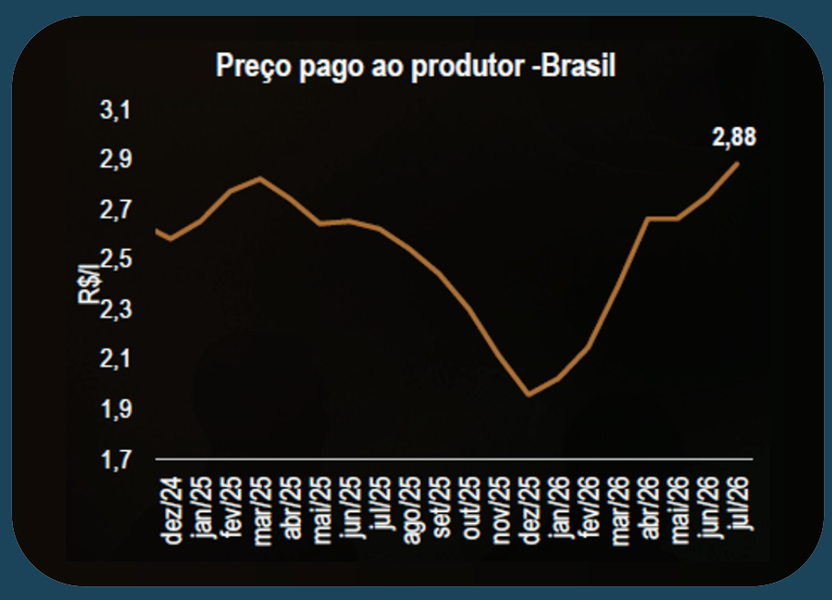
Enquanto energia, clima e matérias-primas continuam exigindo monitoramento constante, uma notícia positiva vem surgindo dentro das propriedades. A pecuária brasileira vive um momento significativamente mais favorável do que o observado nos últimos anos.

Leite: mais produção e melhora nas margens

O primeiro semestre registrou captação próxima de 13,39 bilhões de litros, estabelecendo novo recorde para o período, com destaque para a Região Sul, principal responsável pelo crescimento nacional. Julho registrou o maior preço pago ao produtor em 2026, alcançando aproximadamente R$ 2,88 por litro.



Fonte: Agrifatto / IBGE

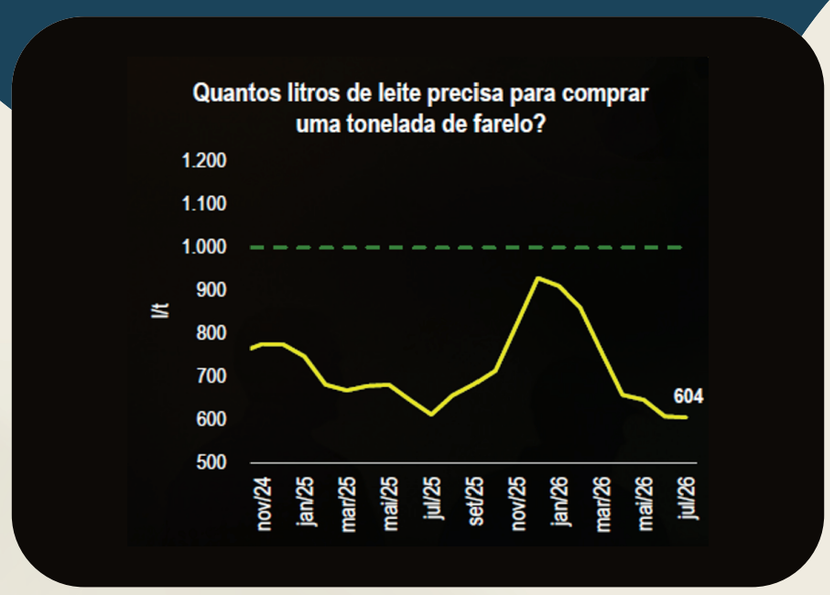


Fonte: Agrifatto / IBGE

Ao mesmo tempo, a melhora gradual da rentabilidade e das relações de troca tem ampliado a capacidade de investimento dos produtores em tecnologia, genética, manejo e nutrição.



Fonte: Agrifatto / IBGE

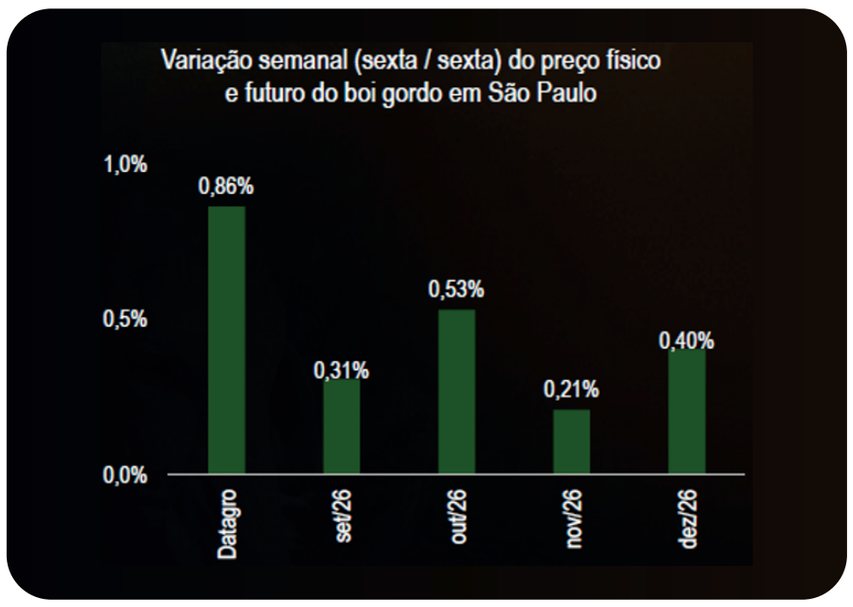


Fonte: Agrifatto / IBGE

Esse movimento é importante porque altera o foco da tomada de decisão. Quando as margens estão pressionadas, o produtor normalmente prioriza a redução imediata de custos. Quando a rentabilidade melhora, a discussão passa a ser produtividade, eficiência e retorno econômico sobre o investimento.

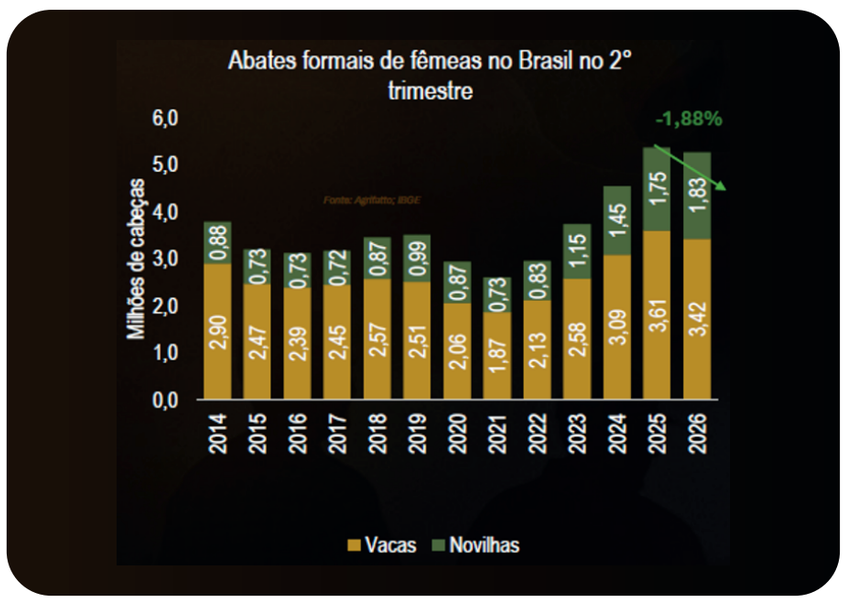
Pecuária de corte:
fundamentos continuam positivos

Na pecuária de corte, os sinais também continuam positivos. A arroba renovou recordes: em 29/09, o contrato de outubro na B3 fechou a R$ 382,60/@, e os vencimentos de fim de ano já operavam acima de R$ 390/@. O movimento reflete a retenção de matrizes, que continua reduzindo a disponibilidade futura de animais para abate e mantém o mercado otimista para os próximos meses.



Fonte: Broadcast/Agrifatto.

A valorização do bezerro e a redução da participação de fêmeas nos abates reforçam a percepção de continuidade do ciclo pecuário, sustentando uma visão construtiva para os próximos anos.



Fonte: Broadcast/Agrifatto.

Esse ambiente contribui para elevar a confiança dos produtores e cria condições mais favoráveis para investimentos em produtividade e eficiência alimentar.





Onde a eficiência nutricional ganha protagonismo

É justamente neste ponto que todos os temas discutidos anteriormente começam a convergir. Quando o petróleo sobe, os custos logísticos aumentam; quando a demanda por biocombustíveis cresce, os óleos vegetais passam a responder também ao mercado de energia; e quando o clima adiciona riscos à produção de soja, palma e milho, a volatilidade das matérias-primas se intensifica. Ao mesmo tempo, leite e boi apresentam fundamentos mais positivos, o que estimula investimentos dentro das propriedades.

Nesse cenário, a busca pelo ingrediente mais barato deixa de ser o único objetivo, e o foco passa a ser produzir mais leite, mais arrobas e mais resultado econômico usando os recursos disponíveis de forma mais eficiente.

Por isso, tecnologias nutricionais voltadas ao aumento da densidade energética das dietas ganham relevância crescente, e as gorduras protegidas se encaixam exatamente nesse contexto: ao fornecerem energia de alta densidade sem comprometer a fermentação ruminal, tornam-se ferramentas importantes para sistemas que buscam elevar a eficiência alimentar, o desempenho produtivo e o retorno econômico, deixando de ser apenas um ingrediente para atuar como uma estratégia de gestão nutricional.

O clima continua sendo a variável mais importante

Apesar de todos os fatores econômicos e energéticos discutidos até aqui, o principal risco monitorado pelo mercado continua sendo climático, e as projeções para o El Niño mantêm a atenção elevada para os últimos meses de 2026 e para o ano de 2027.

Enquanto o Centro-Norte do Brasil pode enfrentar períodos de menor precipitação e temperaturas mais elevadas, e o Sul convive com excesso de chuvas, as regiões produtoras de palma no Sudeste Asiático seguem sendo acompanhadas de perto pelos agentes do mercado. Os impactos potenciais vão muito além da produção agrícola, pois podem influenciar a oferta de grãos, os custos das matérias-primas e os mercados de óleos vegetais e, consequentemente, a rentabilidade de toda a cadeia pecuária, o que mantém o clima como a principal variável de risco para os próximos ciclos produtivos.

Edição #35 | Outubro 2026

nutricorp

CONCLUSÃO

O mercado vive o último trimestre de 2026 com uma característica marcante: tudo está conectado.

A energia influencia a agricultura, que influencia a nutrição animal e, por fim, a rentabilidade do produtor.

Enquanto petróleo, diesel e biocombustíveis continuam moldando os custos da cadeia, a pecuária brasileira apresenta fundamentos mais positivos, criando um ambiente favorável para investimentos em produtividade.

Ao mesmo tempo, o avanço do El Niño reforça que o clima continuará sendo um dos principais fatores de risco para 2027.

Nesse cenário, acompanhar preços continua sendo importante. Mas entender a relação entre energia, clima, matérias-primas e desempenho produtivo será cada vez mais fundamental para transformar informação em vantagem competitiva.

nutricorp

qualidade e inovação no agronegócio

www.nutricorp.com.br